



# TRIBUNA Livre

29  
Setembro  
1956

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITA: PAULO BARBOSA DE MACEDO      DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA      DISTRIBUIDOR: JOÃO BARBOSA DE MACEDO  
PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO      Composição, Impressão e Redacção: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR TEL. 245 - AMARÉS

## A «Geira de Deus» no nosso Concelho

Já todo o país conhece a providencial iniciativa do nosso ilustre Ministro do Interior criando em todos os concelhos do país a «Geira de Deus», parcela de terreno cedida por uns, trabalhada por outros e rendendo para a Santa Casa da Misericórdia do concelho a que diz respeito.

E já todos sabem quanto êxito esta iniciativa tem merecido da maior parte das terras, especialmente das generosas a altruistas terras do norte.

Pois o concelho de Amareis, onde a caridade pontifica como brasão de que nunca abdicamos, não deu ainda o mais pequeno passo para favorecer a sua Misericórdia por meio daquela iniciativa.

E porquê?

A comissão encarregada é formada pelo Senhor Presidente da Câmara, pelo Senhor Presidente do Grémio da Lavoura e pelo Provedor da Santa Casa da Misericórdia, e porque os três lugares são desempenhados pela mesma pes-

soa esta, possivelmente devido aos inúmeros afazeres da sua vida particular, e como vem acontecendo em qualquer dos lugares, não tem tido oportunidade para iniciativas de ordem pública.

Mas não está certo que num concelho em que nada se faz e até nada se deixa fazer, em que o marasmo e a inércia pontificam também a caridade seja vítima do estado geral.

É preciso, urge, impõe-se sair desta situação lamentável e altamente prejudicial que além do mais afecta os menos favorecidos da sorte, aqueles que precisam de mais protecção.

Não faltará quem queira trabalhar e produzir, o que é preciso é de entulhar o caminho por onde não se passa as boas vontades.

A quem de direito o nosso apelo feito em nome dos que

(Continua na 4.ª página)

## O périplo de África visto do «Vera Cruz» Ilha de Moçambique, Mombaça e, finalmente, o discutido Suez

A cidade de Moçambique, capital da ilha do mesmo nome e antiga capital da nossa provincia, foi visitada sem que estivesse no programa deste périplo.

Cidade velha onde Vasco da Gama firmou o padrão da descoberta em 1498 e aonde mandou depois construir um forte que havia de perpetuar a soberania de Portugal. Posteriormente também aqui foi erguido um monumento ao grande descobridor e é a primeira vez que aqui passa este navio que é o maior da nossa frota mercante.

A cidade é muito interessante e a sua antiguidade e o seu forte, este uma reliquia histórica de 5 séculos de existência, dão-lhe uma nota especial pouco vista em África devido à novidade das suas povoações. Limpa e engalanada por virtude da visita do Snr. Presidente da República, conservou o

seu ar festivo em honra dos turistas do «Vera Cruz».

Aqui, como na Beira, e em Lourenço Marques, vemos muitos indianos que por quase to-

(Continua na 4.ª página)

### Bouro

#### Grande Feira Franca de S. Mateus

Com um brilhante sucesso, aliás já esperado, realizou-se no passado Domingo, nesta localidade, a Grande Feira Franca de S. Mateus, cuja desde então, passa a ter lugar anualmente.

Fomos infelizes com a chuva que continuamente caiu durante Sábado todo o dia, forçando até a Ex.ª Comissão a alterar o programa pré estabelecido.

A brilhante sessão de fogo de artifício que estava marcado para o dia 22, foi adiada para o dia 23, com esperança de que este se portasse à altura dos nossos desejos.

Pelo mesmo motivo, não chegamos a gozar o prazer de apreciar a banda de música, que embora tivesse coreto apropriado, não chegou a exhibir-se nele.

A ornamentação a cargo da nossa briosa rapaziada, foi colocada apenas no dia 23 de manhã. As gaitas de fol, Zés Peireiras, Gigantones e Cabeçudos, não percorreram os locais que estavam designados, também devido ao mau tempo. Enfim: a chuva alterou-nos por completo o programa, especialmente no dia 22.

#### Domingo dia 23

Logo ao romper da aurora, uma salva de tiros, anunciou o grande dia da Feira.

No céu viam-se poucas nuvens e as esperanças dum belo

(Continua na 3.ª página)

E querem que isto progrida

## Quanto custa conseguir licença para uma obra

Em meados de Junho a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Amareis pediu licença à Câmara para construir a sua sede no Largo do Dr. Oliveira Salazar.

O projecto recebeu um despacho que ordenava a sua re-

messa ao Engenheiro encarregado dos serviços mas, desde esse despacho até ao seu envio para o correio decorreram cerca de 20 dias, sem se saber a causa de tanta demora.

O estudo e o parecer do referido Engenheiro demorou menos do que o envio para o correio.

À Câmara compete a concessão da licença nos termos do art.º 51 do Cód. Administrativo e só pode ser negada nos termos do art. 61 e seu parágrafo, do mencionado diploma, mas quando haja plano de urbanização e expansão definitiva-

(Continua na 4.ª página)

### Vida Municipal

De há muito que a nossa Câmara vem reunindo com o mínimo legal de vogais e, finalmente, deixaram de se fazer algumas sessões por falta de número.

O Conselho Municipal adiou a sua primeira reunião por falta de número e reuniu da segunda vez com o mínimo legal, mas, para o atingir, houve que recorrer a um conselheiro que não se encontra no gozo dos seus direitos, art.º 51 do Código Civil.

A conclusão é significativa. Pena é que pelo motivo exposto, os munícipes sofram grande prejuízo na demora com que as suas petições são atendidas e aconteça, como é vulgar, que uma licença para uma obra a fazer na primavera seja concedida no outono isto na melhor das hipóteses.

## MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARÉS

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Inútil seria fazer a história do concelho, limitando-a aos seus contornos oficiais pelo desmembramento deste magestoso colosso da antiguidade, tal se representa em conjunto o verdadeiro sistema das terras de Entre Homem e Cávado, tão intimamente articuladas entre si por fortíssimas razões de fundo histórico que de futuro não se demonstrar-se. Só a pura ignorância pode atribuir-se o ter-se despedaçado no curso dos tempos (e das reformas administrativas) este baluarte gigantesco em que desde sempre os ideais e os anseios da liberdade e da independência preocuparam os respectivos habitantes.

Elevando-se de fundo em linhas de cumeadas que se afiguram panos de muralhas e torres ameadas, desde os Castelos de Covide, vem a comprimir-se nos braços do Cávado, que lhe serve de fosso inundado, esta extraordinária fortaleza natural que a Providência ergueu, forma de poderoso ariete de guerra medieval, harpão em bico a rasgar os caminhos do Sul, tal qual na maturidade dos tempos o Sacro Promontório indicou ao furor heróico da Lusitanidade a vastidão dos mares.

Não há dúvida que a natureza do solo influi no temperamento dos seus habitantes e com efeito daqui irromperam na hora própria os bravos guerreiros que esfrangalharam a resistência de Lisboa e a «machado» fenderam as portas de Santarém, quando estas cidades foram tomadas aos mouros.

Fixaram-se em Lanhoso, a dominar dos altos minaretes de velhas torres oshorizontes ameaçados do vasto condado, que, segundo Montebelo, compreendia naquele tempo um grande distrito, desde a cidade de Orense até à terra de Ribeira de Homem e partia com as de Entre Homem e Cávado.

A situação privilegiada destas terras montanhosas, guarnecidas de defesas naturais, que permitiram a seus povoadores guerreiros impôr-se ao respeito das cavalarias árabes, concorreu igualmente para que se mantivessem aqui, quase incólumes, as formas de administração local que já se iam denunciando perfeitas sobre as velhas ruínas das instituições romanas, flageladas pelo tempo e ao assalto dos povos bárbaros que por aqui se acomodaram e estabeleceram sob o domínio dos Suevos, que fizeram de Braga a sua capital durante perto de dois séculos.

(Continua na 6.ª página)

### A propósito do Castro de Caires...

#### Outros castros merecem ser citados

O autor da monografia, que se reservava para tratar do assunto em devido lugar, visto o natural interesse que o caso tem despertado, vem extra programa e antecipadamente esclarecer o seguinte:

Herculano, chegou a asseverar que não há cimo de verde outeiro do Minho que não fosse coroado de velho castro romano.

De qualquer forma pode ga-

rantir-se que, sem falar no célebre Castro Mau, que das alturas da Serra do Monte dominava estrategicamente a Geira, existem nos limites do concelho de Amareis vestígios de pelo menos seis desses monumentos da velha Roma civilizadora:

O 1.º sobre o monte de S. Miguel, acima do Santuário

(Continua na 4.ª página)

# TRIBUNA CINEMATOGRAFICA

## EDITORIAL

### Uma obra de Bernhardt e um filme de Dmytryk

O que é um director de filmes ou, melhor, o que é um realizador de obras cinematográficas?...

Pois claro, é isso mesmo: um artista que «escreve» e se exprime através da imagem. É como o fazedor de romances ou obras literárias, o autor de um filme justifica-se e só poderá ser discutido pelo conteúdo formal que tenha imprimido ao seu trabalho.

A forma é, numa obra de arte, a personalização total e limite de toda e qualquer mensagem artística. A partir dela é que podemos deduzir se o autor é, além de artista, um perfeito construtor. Na construção de uma obra é que um artista se denomina.

Curtis Bernhardt, hoje colocado, por coincidência, ao lado de Edward Dmytryk, deu-nos em *Melodia Interrompida* uma exacta medida de forma que, neste caso, só pode ser de construção cinematográfica. (Estamos discutindo, não se esqueça o leitor, sobre cinema).

Aliás, já em *O Belo Brummell* Bernhardt nos havia feito notar um perfeito e harmonioso índice de elaboração narrativa, nem sempre ao gosto e desejo da plateia (a primeira parte deste seu filme, depois do intervalo, quase a esqueceramos completamente), que terminou por nos obrigar, ultimos periodos do filme, a uma natural concentração a partir da qual tudo que havíamos tomado por ensoo e mal temperado (por isso quase o esqueceramos) tomou uma presença real e objectiva, podendo nós, então, concluir do alto valor do filme e do poder construtivo do seu autor.

Ora tudo isso foi possível por Bernhardt nos ter ensinado a concluir do seu trabalho analisando, quanto antes, a forma para depois podermos justificar o valor ou a desvalorização do seu cinema.

Em Bernhardt a forma é tudo. *Melodia Interrompida* firma, por sua vez esta característica notável, mas raramente definida num artista; Bernhardt define-se através dela e, em tal sentido e por tais caminhos, que o *climax* na sua arte é, verdadeiramente, a centralização plena de um momento dramático que não pode deixar de ser sentido. Em *O Belo Brummell* todos sentimos esse momento de adulta plenitude no jogo de imagens onde *Brummell* assiste às boas vindas, no porto de Calais, ao, então, monarca inglês. *Brummell* doente, desfigurado e velho, bebendo com os olhos, numa ansiedade sem par, aquele caro e rico momento que é bem uma nota de singular beleza cinematográfica. Na *Melodia Interrompida*, Bernhardt dá-nos, ou melhor leva-nos a viver esse momento de esplendor de construção cinematográfica numa das sequências mais belas que o cinema nos tem oferecido: na oração do homem a Deus, em face da tragédia iminente na qual toda a composição cinematográfica é duma reprochante interpretação e efeito. Melhor que a cena de desafio, em *E tudo o vento Levou*, da mulher desesperada e perante a placidez de Deus, para o qual, olhando o Céu ergue ameaçadoramente o pequeno punho fechado...

Bernhardt trouxe até nós, em *Melodia Interrompida*, uma das grandes obras cinematográficas. Uma película edificadora e edificante, na qual se sobreleva o pensamento e a glorificação cristã duma mulher que tudo abandona por amor, e por um lar. Um filme onde a doçura e a suavidade da mulher se conjuga com os nobres e dignificadores sentimentos de um homem, que tinha por missão e sacerdócio trazer ao mundo novos seres. Um filme, onde, em sínteses perfeitas, nós admiramos as mais célebres óperas e as mais ricas e harmoniosas encenações espectaculares. Um filme dramático e humano que define um autor e denomina um forma.

Dissemos acima haveremos colocado ao lado de Bernhardt outro conhecido cineasta: Edward Dmytryk, do qual recentemente, se exibiu entre nós a película *Lança Quebrada*.

Este filme mereceu a nossa atenção, até porque sobre ele caiu uma crítica nada amável, trabalho esse que nós conhecemos e com o qual estamos, por vários motivos, em desacordo.

Lança Quebrada não é, como se disse algures, «um filme bastante mau».

(Continua na 4. página)

## Conclusões do XVII Festival Cinematográfico de Veneza

Terminou o XVII Festival Cinematográfico de Veneza, e a cidade dos canais, na sonambulez que lhe é tão peculiar, recorda, agora, certamente, todo um arraial de beleza que a encheu de coisas novas e fascinantes. Caiu o pano sobre mais uma grande e majestosa manifestação de arte. Mas nem tudo foi arte. Foi, também, uma clara e singular demonstração de luxo, de espavento,

onde os artistas não deixaram de concorrer com a sua presença aureolada de fascínio e sedução. Foi também, e igualmente, uma concentração de anormal chauvinismo, tão peculiar e tão fácil de provocar as cenas mais patéticas, sempre que os «imperadores» do mundo cinematográfico caem em parafusos em localidades ainda as mais sossegadas e tranquilas. No fundo, tudo redon-

dou em maravilha.

Muitos foram os «astros» que aportaram a Veneza. Foram todos bem recebidos. O povo, curioso e alucinado perante o que seus olhos viam, não se cansou de aplaudir e honrar os artistas, que até a quele momento, possivelmente, só haviam idolatrado na tela. Gina Lollobrigida levantou um autêntico clamor de vivas, quando da sua chegada. Emma Penella teve, igualmente uma chegada triunfal, mas foi Abbe Lane quem chamou a si os louros da «vedeta» consagrada pelo público, pela publicidade e pelos fotógrafos. (Abbe Lane deixou-nos uma boa impressão de beleza e valor artístico, não falando já nas suas qualidades de dançarina, notáveis e consagradas, no filme «O Americano»).

Enfim, foi um delírio.

Entre as doze películas anunciadas, encontra-se uma que será dirigida por JOHN FORD (*The wings of eagles*), outra será dirigida por Richard Brooks (*Something of value*), outra por Edward Dmytryk (*Raintree Countv*), etc.

**Ava Gardner e Stewart Granger dirigidos por George Cukor**

ENCRUZILHADA DOS DESTINOS (*Bhowani Junction*) é a mais recente obra de M. G. M. dirigida pelo consagrado George Cukor, o inescutível director de *A mulher que Deus me deu*, *Os 7 Garotos*, *Meu Filho Eduardo*, etc. Os principais interpretes deste filme são Ava Gardner e Stewart Granger.

**Pelos Estúdios da Fox**

**O célebre caso do sargento Mckeon**

A Fox será a distribuidora do filme em cinemascopo intitulado PARRIS ISLAND, que trata dos dramas da Corte Marcial onde foi julgado o sargento da Marinha Matthew C. Mckeon. O filme será feito de harmonia com as instruções do Secretário da Marinha, ao qual foram pedidas as facilidades necessárias e a autorização para se poder servir da Base de treino Naval na ilha Parris, na Carolina do Sul.

Jean Negulesco partiu para a Grécia onde vai filmar BOY ON A DOLPHIN. Será interpretado por Clifton Webb.

### Mais uma magestosa encenação de

### Curtis Bernhardt: «GABY», com Leslie Caron

CURTIS BERNHARDT, o notável encenador da *Viúva Alegre* e *Melodia Interrompida*; o singular realizador de *Chuva*, de *O Belo Brummell*; o inteligente director de *O Veu Azul*, *Ambiciosa* e *Vento do Deserto*, realizou, dirigiu e encenou para a Metro Goldwyn Mayer mais uma grandiosa obra: GABY, onde a simpática estrela francesa Leslie Caron nos aparecerá mais adorável e mais actriz do que em *Lili*, de Charles Walters.

A Metro orgulha-se de anunciar esta película na presente temporada.

GABY é a história simples da primeira paixão de uma rapariga e do seu intenso amor por um rapaz que ela julgou perdido para sempre. Um filme, em que todos sentirão a ternura e o amor de uma verdadeira paixão, juntamente com o tormento constante da realidade.

Ao lado da cativante e cálida Leslie Caron, veremos o jovem par que a todos deliciará.

Ficha técnica de GABY: Direcção de Curtis Bernhardt. Produção de Edwin H. Knopf. Argumento de Albert Hackett, Frances Goodrich e Charles Lederer. Música: adaptação e composição de Conrad Salinger. Coreografia de Michel Panaiefe. Fotografia de Robert Planck. Director artístico, Cedric Gibbons coadjuvado por Daniel Cathcart. Figuranista, Helen Rose.

Película em «cinemascopo» e «tecnicolor».

### O cinema e a vida dum grande pintor

Eternizado nos seus quadros e na sua arte sublime, Van Gogh, o célebre pintor holandês, acabou por se impôr ao cinema que foi buscar à sua tormentosa e gloriosa vida de artista e homem motivos de rara mensagem, que a Metro Goldwyn Mayer sublinhou numa película dirigida por Vicente Minnelli.

A *Vida Dramática de Van Gogh* (*Lust for Life*), com uma interpretação formidável do consagrado Kirk Douglas, é o drama tumultuoso e sentimental de um homem que desejou com a sua arte tocar o coração da humanidade, e que todos conhecem por o pintor louco!

Produção de John Houseman, em «cinemascopo» e maravilhoso «metrocolor», com som estereofónico «perspecta».

### «Os dez Mandamentos», de Cecil B. De Mille

«Tribuna Livre» vai começar a publicar na próxima página de cinema um trabalho sobre a história da nova versão de OS DEZ MANDAMENTOS, de Cecil B. De Mille, trabalho literário esse que nos foi enviado pela *Paramount*.

### Pelos estúdios da M-G-M

#### Doze filmes a produzir em dezasseis semanas

Segundo anunciou DORE SCHARY, chefe dos Estúdios da M-G-M, doze filmes estão marcados para serem produzidos durante as próximas dezasseis semanas, ou seja a uma média de três produções por mês.

Cada um desses filmes foi preparado cuidadosamente quer na escolha dos argumentos, quer na escolha dos artistas e técnicos.

# TRIBUNA do CONCELHO

## ESCLARECENDO

Existe, no nosso concelho, um antepiano de urbanização. Não queríamos, de novo, falar nele, dado que, sempre manifestamos a nossa absoluta discordância com o que nele se vislumbra. Não pretendemos, também, avaliar, nem a tal nos atrevíamos, por não ser da nossa competência, das possibilidades do seu autor. Limitar-nos-emos, por conseguinte a criticar, construtivamente, determinadas atitudes da nossa Câmara, ao que parece, filiadas no, já, controverso antepiano de urbanização.

Veio-nos a talho de foice, depois de devidamente esclarecidos, o que se está passando com a pretensa construção do edifício da Caixa Agrícola.

Requeru, há meses, a Direcção daquele Organismo, à Câmara Municipal, a respectiva licença. Apresentou projecto. O técnico encarregado da sua elaboração, Engenheiro Civil, tem dado provas da sua competência, através de obras de vulto, em determinados concelhos do norte do país.

Sendo da competência da Câmara a concessão da licença em causa (n.º 20 do art.º 51 do Código Administrativo) esta só poderá ser denegada com base no art.º 61 e seu parágrafo, do mencionado Diploma, mas quando haja plano de urbanização e expansão definitivamente aprovado (esclarecido in Anuário, 1943 pág. 158 da D. G. A. P. C.).

Não se interpreta, aqui, desta maneira. A nossa Câmara condiciona a concessão destas licenças (as referentes à zona abrangida pelo antepiano) à informação do arquitecto que elaborou. Repudiamos

tal procedimento por não ter forma legal e ainda por se tornar demorado e complicativo.

Prestando o Engenheiro Consultor da Câmara parecer favorável, para quê ouvir a opinião do Arquitecto Urbanista? Esta morosidade tem trazido funestas consequências para a nossa terra, tão sequiosa de progresso. Três meses, à espera de uma licença é demais, senhores da edilidade!

Será que estas informações junto do Arquitecto Urbanista são colhidas com base no artigo único do Dec.º n.º 35931? Se assim for, em reforço dos nossos modestos conhecimentos e da interpretação dada às disposições acima citadas, ouçamos a opinião do ilustre causídico e Director Geral de Administração Política e Civil Dr. Pires de Lima que posteriormente à publicação do Regulamento Geral de Edificações Urbanas, se pronunciou sobre o assunto; «Parece-nos porém, que deverá considerar-se alterado o art.º único do Decreto 35931, na parte que condiciona a execução de obras particulares aos antepianos de urbanização, pois o artigo 3.º do Regulamento Geral de Edificações Urbanas, que tratou de novo, esta matéria, se refere aos planos de urbanização e não aos antepianos».

Como pode, então, condicionar-se a concessão de licenças para obras, na zona abrangidas pelo antepiano a informações prestadas pelo autor do mesmo, se elas nem a antepianos se devem condicionar?

A.S.

## Caires

### Férias Missionárias

Vindo da África—da cidade de Moçamedes, onde trabalhou durante seis anos, num intenso labor Missionário, acaba de chegar a esta freguesia de Caires, à sua Casa do Padrão, o ilustre filho desta Terra S. Pe. Luiz João Antunes de Almeida. Os seus contemporâneos e amigos, quiseram patentear-lhe uma ovacionante recepção com manifestações de alegria, canções populares, música transmitida pela bela aparelhagem de som da nossa Vila de Amares, muitas girandolas de foguetes, etc. A briosa mocidade desta terra teceu bem, como só ela sabe elaborar... um finíssimo tapete junto da Avenida que conduz à Igreja Matriz, por sobre o qual, Sua Rev.ª passou no passado Domingo, paramentado. Ao melo, do Cortejo parou, e um menino, em nome de toda a freguesia, proclamou uma calorosa Saudação ao preclaro Missionário, que, à homilla, num quente improviso, agradeceu tão grandiosa como inesperada Homenagem. Que seja Bembindo em nome do Senhor.

### De visita

Encontra-se entre nós, de visita a seus queridos pais Srs: Júlio de Araújo e D. Diolinda Soares Ma-

chado, moradores no lugar do Paço, o Ex.º Sr. Joaquim Augusto de Araújo, que veio acompanhado de sua Ex.ª Esposa D. Olivia Martins Vieira de Araújo—e dos seus três filhinhos; Deolinda, Flora e João Paulo.

Este nosso amigo, grande benfeitor da nossa Igreja, e assinante do nosso jornal—vive em Lisboa, na Travessa da Condessa do Rio n.º 18—onde é proprietário de uma importante indústria de alfaiataria—e onde tem recebido muito dos seus numerosos amigos.

### Batizado

No passado domingo, recebeu as águas lustrais do Batismo, o menino Manuel Abel—filho do mui considerado proprietário João Pedro Coelho e de sua esposa D. Teresa Pimentel—sendo padrinhos; José Joaquim de Sá Barrós Coelho e Maria Sameiro Coelho Machado. No final houve um lauto jantar de Santa Confraternização.

A todos, os nossos votos de felicidades. -C.

### Visado pela censura

## BOURO

(Continuação da 1.ª página)

dia aumentavam na mente daqueles que o desejavam.

Os rapazes e raparigas continuando a manifestar o seu bairrismo, dedicavam-se cheios de vontade à ornamentação, o que na verdade fizeram de agrado geral.

Eram 2 horas da tarde, e o povo crescia em grande número, as carreiras consecutivas

## Lago

Encontra-se nas suas propriedades, desta freguesia o benquista Capitalista residente no Porto, sr. José António Soares, que nos últimos dias tem guardado o leito, bastante adoentado.

Rápido restabelecimento lhe desejamos.

—De visita a este mesmo senhor também aqui se encontra sua nora D. Rosa Venâncio Soares.

—Os comerciantes Bracarense srs: Camilo Pereira e Mauricio Queiroz, igualmente se encontram nas suas propriedades, o mesmo acontecendo com o sr. Coronel Dr. Gastão Ribeiro Pereira.

—Faleceu a srna Aurora Veloso Caldas, viúva de Francisco Caldas.

A família de luto as nossos sentimentos.

—Foi submetida a uma intervenção cirúrgica, em Braga, a menina Maria José Vieira Pires, de 4 anos, filha querida do sr. José António Pires e sua esposa D. Rosa Soares V. Pires.

Já se encontra em casa de seus pais, mas infelizmente em perigo de vida.

—Também se encontra de cama, em consequência de uma queda com motocicleta o proprietário local sr. Eugénio Rodrigues Fernandes.

—Começaram esta semana as vindimas. O tempo sempre chuvoso tem prejudicado a agricultura. Os milheirais que se apresentavam prometedores estão muito danificados. Enfim, mau ano agrícola.

—Dentro em pouco começará um novo ano escolar e a nossa Escola continua sem água. É anti-regulamentar. É anti-higiénico. É indecente. É vergonhoso. Quando se lembrar quem de direito, de velar pela saúde de nossos filhos?

Já apelamos para a Câmara o que de nada valeu. Voltamos agora a fazê-lo na pessoa do vereador que aqui reside, certos de que com a sua influência o caso será resolvido. Se ainda assim não formos atendidos não terá a Direcção Escolar força para obrigar a fazer o que é uma necessidade de que se faça: dotar a nossa Escola com água?

J.P.

iniciaram a sua faina e chegavam sempre com lotação esgotada. O gado para o Concurso era já em número muito elevado; as lavradeiras com os seus belos trajes regionais chegavam continuamente.

O espaçoso Terreiro parecia insignificante para o alojamento de tanto povo.

Estava já visto o sucesso de tanto esforço do brioso povo *Bourense*, especialmente dos membros da comissão.

Os números atractivos iam surgindo, sendo todos de excelente agrado.

Viveu-se uns bons momentos de completa alegria, mas por volta das dezasseis horas o mau tempo voltou a apoquentar-nos e chuveu torrencialmente durante uma hora, obrigando o povo a dispersar-se, procurando os abrigos.

Entretanto as carreiras saíam cheias, o que anteriormente acontecia em contrário, porque o povo só pensava em regressar a suas casas.

O mau tempo ocasionou ao comércio grande prejuízo.

### A inauguração da Feira Franca anual

Foi convidada uma comissão

## Vida elegante

### Aniversários

Domingo—A Srna. D. Adelaide de Jesus Calheiros Ferreira Cruz.

Segunda-feira—As Senhoras; D. Lourdes Gonçalves Macedo Dias e D. Ernestina Gonçalves Macedo Martins.

Terça-feira—A Senhora D. D. Dorlinda de Ceu Novais Cunha.

Quarta-feira—O Sr. Constante Antunes e o Sr. António Bento Dias Antunes.

Quinta-feira—A gentil menina Maria Alice de Amorim Arantes Rodrigues.

Sábado—As gentis meninas; Olivia Arantes da Costa, Elisa Severina Martins Dias e Maria Fernandes de Oliveira e Silva. E as Senhoras; D. Albertina Machado Ribeiro, D. Lisdália de Abreu Dias Vieira e o Sr. Pe. Manuel Joaquim Aivés da Lomba.

### Noticias pessoais

#### Carlos Alberto Calheiros Cruz

Em gozo de merecidas férias, encontra-se entre nós acompanhada Exma Família, o nosso prezado amigo e assinante, Sr. Carlos Alberto Calheiros Cruz

Encontra-se entre nós o Sr. Francisco José Calheiros Cruz acompanhado da Esposa.

Ao simpático casal desejamos umas férias felizes.

Embarcou de avião, no passado dia 27 corrente, com destino à Guiné, o nosso conterrâneo e assinante Sr. Casimiro Pinheiro juntamente com a sua família, os quais vieram ao Continente passar umas merecidas férias.

Desejamos que tenha tido boa viagem.

para proceder à inauguração da Feira Anual, constituída pelos Ex.ºs Senhores Dr. Avelino Silva, digno Presidente do nosso Município, Dr. Raúl Campos, conceituado Juiz de Direito, Rev.º Padre Manuel Matias do Lago e Costa, distinto Pároco da freguesia, e ainda os Senhores Manuel António da Silva, Domingos Rodrigues, António Azevedo e Mário Fernandes Almeida.

Logo que esta Comissão subiu à Tribuna, onde devia proceder à Cerimónia a realizar, fez-se écur uma girandola de fogo e a Banda Musical tocou o Hino da «Maria da Fonte».

Usou da palavra o Ex.º Sr. Senhor Dr. Avelino Silva, principiando por agradecer a presença do Ex.º Sr. Senhor Dr. Juiz Raúl Campos e ainda o amor pela sua terra natal.

Manifestou por palavras e gestos a mais viva alegria pela iniciativa da Grande Feira de S. Mateus. Agradeceu à Junta de freguesia, ao Regedor, ao Comércio e à Lavoura, principais colaboradores nesta Grande Feira. Disse ter o maior prazer em assistir a tal espectáculo e confirmou de quanto é capaz o povo desta laboriosa freguesia.

Finalmente agradeceu aos bons bairristas que nesta obra colaboraram, à briosa rapaziada que tratou da ornamenta-

(Continua na 4.ª página)

## HUMORISMO

### Uma questão interessante

Agente da policia:

—Vou multar o senhor. Esse cachorro deve estar acorrentado.

—Senhor policia, o cachorro não é meu.

—Mas anda sempre atrás do senhor.

—Embora, mas não vejo que prova se possa tirar daí. O senhor também não vem atrás de mim?

### Que disparate!

—Carlinhos, que é um Estado?

—Um Estado, senhor professor, é quando a gente está com bexigas.

—Com bexigas?! O que é que estas a dizer?

—Sim: quando eu estava com bexigas minha mãe dizia para o médico:

Veja, doutor, em que estado está o meu filho.

### Pergunta de criança

—Papá, o bom Deus também fica às vezes doente?

—Por que perguntas isso, meu filho?

—Porque o papá estava dizendo à mamã que chamara o médico a si.

## Périplo de África visto do «Vera Cruz»

(Continuação da 1.ª página)

da esta costa tem grande predominio comercial.

Na Praça Mousinho de Albuquerque, vimos um grande edificio com o dístico: «Casa de Sua Alteza Aga Kan» o qual aqui tem muitos subditos.

Quando o navio se preparava para levantar ferro surgiu uma avaria nas máquinas que demorou a partida e mesmo assim o barco seguiu em marcha moderada e com atraso de um dia esperando consertá-la completamente em Mombaça.

### MOMBAÇA

O porto de Mombaça situa-se no estuário dum rio o que o defende muito do mar; dá muito boa impressão pela extensão dos seus cais e pelo bom apetrechamento e sobriedade dos seus armazéns da doca.

Embora sem arranha-céus agrada e sente-se que está um franco progresso sendo os carros aqui muito baratos e a gasolina a 2\$80 o litro.

Começa a sentir-se aqui o ambiente do oriente, aglomerando-se europeus com árabes, estes com turbantes e túnicas e indianos com a sua cartola vermelha e fatos brancos com saias.

### Quanto custa conseguir uma licença

(Continuação da 1.ª página)

mente aprovado (esclarecido in Anuário, 1943 pag. 158 da D. G. A. P. C.).

Não o entende assim a nossa Câmara e mesmo perante a informação favorável do seu seu encarregado dos serviços de engenharia e não obstante não ter plano de urbanização aprovado cõhe o parecer do architecto encarregado do anteprojecto.

Este, no caso vertente, não demorou mas pôs objecção quanto à ventilação duma das suas salas e escadas de entrada.

Conhecemos muitos casos em que a Câmara não atendeu aos reparos do referido architecto, aliás em coisas bem mais sérias, e mandou conceder a licença.

Mas desta feita, como a demora não desagradasse, a Câmara aceitou o reparo e devolveu o projecto para emendar.

Ao fim detrés meses e meio tudo ficou como no principio e a construção que deveria fazer-se no verão fica ao sabor dos caprichos dos homens.

De notar que esses caprichos nunca foram no sentido de favorecer e daí que o nosso concelho vive na apatia condenável que lhe conhecemos.

É o próprio Director Geral da Administração Política e Civil, Dr. Pires de Lima, que advoga que as Câmaras não tem que vincular-se aos anteplos de urbanização e a nossa, embora ouvindo o architecto encarregado do plano nunca o atendeu nas suas emendas, porém, desta feita e por conveniência deu-lhe guarida.

E querem... muito, e queremos que isto progrida.

As indianas aparecem com as suas vestes muito leves, cobrindo a cabeça e os tornozelos e em seus rostos descobrem-se sinais artificiais que ali colocam durante os seus actos religiosos.

Aqui vieram cerca de 10.000 goeses que foram nossos interpretes e nos levaram a ver os pontos turísticos da cidade tais como a «Fonte de Jesus» construída pelos portugueses, o castelo e os velhos canhões que defenderam a cidade e que, lavrada em granito, conservam uma legenda escrita em português em 1563.

À rua Vasco da Gama, homenagem ao grande descobridor, segue-se o bairro árabe com estreitas ruelas em que só cabem peões e suas típicas construções com numerosas mesquitas e sinagogas. Para visitar umas dessas mesquitas tivemos de nos descalçar como é do rito árabe, contudo, e por especial deferência, escusaram-nos de lavar os pés nas numerosas pias ali existentes.

Em meias percorremos o templo que nada apresenta de especial salvo o lugar da oração onde os árabes, de côcoras e com a cabeça no chão oram a Alá.

Também num templo indiano assistimos a uma cerimónia religiosa a que achamos especial graça e, finalmente, entramos numa catedral católica plena de grandiosidade e bom gosto. Aqui como em quase toda a África a vida termina às 10 horas, devido ao calor que obriga a vida a recomeçar cedo.

### A entrada no Suez

Até ao golfo de Aden, tudo foi correndo normal com o navio, depois da reparação, a dar um máximo de 19 nós e não 22 como é seu normal.

Deixamos o Indico e entramos no mar Vermelho, sentindo logo a subida de temperatura que os ventos dos desertos de África e Ásia tornam escaldante. O barómetro começa por marcar 35 graus para subir logo a 42 graus não obstante estarmos em pleno mar e beneficiado pela aragem. A própria água no mar vermelho tem 32 graus.

As festas começam a ter lugar nos diques e nos tombadilhos onde exibem as duas orquestras de bordo e a Tuna Académica de Coimbra e os artistas a que já nos referimos noutra crónica e os lugares de privilégio deixam de ser os salões para serem os chuveiros e a piscina.

Desde que viramos a proa ao Suez são numerosos os barcos que temos à vista dos quais 90% são petroleiros dando a ideia do grande movimento que aqui se verifica. Todos estamos ansiosos de atravessar o Canal antes que a situação internacional se agrave.

Aqui se calcula com mais exactidão a importância deste Canal e a economia que dele advém tendo-se em contas, milhares de milhas que a mais os barcos teriam de andar dando a volta ao Cabo sendo certo

## BOURO

(Continuação da 3.ª página)

ção e à Banda de Música que lhe prestou a devida honra, como Autoridade superior do Concelho.

Uma grande salva de palmas écuou por todo o Terreiro.

### Atribuição dos prémios

O Juri constituído por pessoas competentes e inteiramente neutras na missão que desempenhavam, atribuiu os prémios do modo seguinte:

#### Gado de Talho

1.º e 2.º Prémio—Manuel Portela, Quinta da Portela, Goães.

#### Bois de Trabalho

1.º Prémio—Manuel José Almeida Afonso, de Bouro.

2.º Prémio—Cândido de Sousa Rodrigues, de Goães.

#### Vacas de Trabalho

1.º e 2.º Prémio—José Manuel da Mota, de Bouro.

#### Vacas Leiteiras

1.º Prémio—Ilídio Gonçalves Gomes, de Parada Bouro.

2.º Prémio—Henrique dos Anjos Domingues, de Bouro.

#### Touros sem Desfecho

1.º Prémio—António Candido Xavier, de Dornelas.

2.º Prémio—José Augusto Xavier, de Dornelas.

#### Touras sem Desfecho

1.º Prémio—Manuel Augusto Soares, de Amares.

#### Touras a dois dentes

1.º Prémio—João Batista Marques, de Santa Marta.

2.º Prémio—Candido Rodrigues Saraiva, de Goães.

#### Porcos de Engorda

1.º Prémio—João de Deus Gomes, de Bouro.

2.º Prémio—Henrique dos Anjos Domingues, de Bouro.

#### Porcas de Criação

1.º Prémio—Agostinho da Silva Vilela, de Bouro.

2.º Prémio—Maria Joaquina da Silva, de Bouro.

#### Gado Cavalari

1.º Prémio—José Maria da Silva, de Friande.

2.º Prémio—João de Jesus Maria Gonçalves, de Friande.

### Salvé dia 29-9-56

Passa hoje o seu aniversário natalício o Sr. António José da Silva, conceituado proprietário e gerente do Hotel das Termas de Caldelas.

«Tribuna Livre» associa-se a este dia feliz, e deseja ao aniversariante as maiores felicidades e parabens.

que o «Vera Cruz» consome nesta viagem cerca de 6.500 toneladas de óleo.

Foi no dia 15 que abandonamos o Mar Vermelho e entramos no Canal propriamente dito, sempre com terra à vista, quer a bombordo quer a estibordo e com paisagens de areias e dunas e poços de petróleo egípcios.

Também de bordo pudemos ver o Monte Sinai, onde Cristo entregou a Moisés as tábuas da Lei e, enfim todas, essas terras por onde passou o Messias.

O comboio em que o nosso navio entrará no Canal partirá em breve. Até à cidade de Suez.

## Bois Reprodutores

1.º Prémio—Manuel José de Barros, de Bouro.

### Pelas Chamadeiras

1.º Prémio—Maria Emilia da Mota, de Bouro.

2.º Prémio—Maria Rosa da Mota, de Bouro.

3.º Prémio—Maria Emilia Carneiro, de Bouro.

Os restantes prémios que constavam no programa, não foram atribuídos por falta de concorrentes.

Os nossos parabens a todos os premiados, com especial referência para o Sr. Manuel Portela, digno proprietário da Quinta da Portela, em Goães, que obteve 1.º e 2.º prémio de Gado de Talho e fazemos votos para que os seus gados sejam sempre dignos de prémio, o que aliás tem acontecido em diversas feiras.

### Encerramento da festa

Conforme o que acima digo, a Comissão foi forçada a alterar o programa e a sessão de fogo de artifício foi exibida no Domingo à noite.

A Banda de Música, teve também ocasião de poder exibir alguns números do seu largo reportório passando-se assim uma meia noite muito agradável.

Era cerca de uma hora quando terminou o anunciado Arraial Minhoto, que os pirotécnicos muito abrilhantaram, apresentando fogo das mais lindas cores.

Em nome da Comissão, os meus parabens, e muito obrigado a toda a rapaziada que colaborou na ornamentação, bem como a todos os bairristas que contribuíram para esta grande feira.

Com isto só dignificamos a nossa terra. Por isso nunca esqueçamos a Feira de S. Mateus, para mostrar-mos a todos quanto pode e de quanto é capaz o brioso povo de Bouro.—C.

### O castro de Caires e outros

(Continuação da 1.ª página)

da Abadia, junto do qual se estende uma planura denominada «cidadelha».

O 2.º no cume do monte de S. Pedro Fins, que se supõe atingiria as formas de um castelo como o de Lanhoso, também de construção romana.

O 3.º existente em Caires, antigamente S.ta Maria de Requiam (de requiem-descanso) por servir de lugar de repouso às constantes carabanas de legionários de Roma, antes de iniciarem a ascensão da montanha.

O 4.º o Castro de Carrizado que Mortebelo em vão se esforça por convencer que é Castro Xerez, donde vem os do título de «Castro».

O 5.º Castro é o de Amares, no montículo sobranceiro a esta vila.

6.º é o Castro de Ponte no lugar deste nome da freguesia de Lago.

Como se verifica, tratava-se de uma verdadeira sede de fortificação ao longo da Geira que desde a ponte do Porto (entrada)—até à Portela (idem)

atravessa de lés a lés as terras de entre Homem e Cávado.

Vem do latim *Castrum*—castro, assim como crasto, castelo ou castrelo, castelejo ou castrejo e note-se que na freguesia da Balança do concelho vizinho, existe um lugar deste nome.

No plural—*castra* significa arraiais, acampamento de tropas.

Como hoje nascem e crescem os povoados e progridem as cidades ao longo das vias férreas e das estradas modernas, o mesmo se verificou na orla dessas velhas estradas da antiguidade, com uma diferença que essas antigas povoações e cidades tinham o carácter militar, talvez porque os seus habitantes lhes acusava a consciência não possuírem pacificamente a terra...

Mesmo assim por aqui andaram mais de 500 anos—aprox. 130 a. antes de J.C. a 410 da era cristã.

### A «Geira de Deus» no nosso Concelho

(Continuação da 1.ª página)

tem fome e precisam da caridade para suprir a falta de sorte ou de meios de que são vítimas.

Uma iniciativa de tão largo alcance merece a ajuda de todos e certamente que ninguém lha negará pelo trabalho e pelo óbulo, simplesmente—e este simplesmente no nosso concelho é alarmante—é preciso que haja iniciativa.

Não pelo concelho porque esse já está familiarizado com a inércia, mas pelos pobres, é necessário trabalhar pela «Geira de Deus»

B. M.

### Procuras e ofertas

#### Aluga-se

Andar rés do chão, apropriado para qualquer tipo de comércio, com cave, água e luz. Ver e tratar com Manuel Gonçalves da Silva.

#### Dinheiro

Encontrou-se no passado dia 23, do corrente, uma certa quantia em dinheiro.

Quem o perdeu queira dirigir-se a Manuel Gonçalves da Silva ou a esta Redacção, aos quais dando provas certas, lhe será entregue.

#### Quinta vende-se

No lugar de Birvirelos, freguesia de Ferreiros, deste concelho, com casa de habitação, campos com muita água, árvores de fruto, olival, laranjal etc.

Tratar com Amadeu Ernesto da Silva, Ponte do Porto, Amares.

### Ultima hora

### Novas construções

Hoje de manhã foram adquiridos pelo Sr. José Manuel de Macedo, desta Vila, dois talhos destinados a construções, junto à escola, e pertencentes ao Sr. José Gil de Macedo.

Desta maneira só falta vender um talho deste terreno para completar a nova rua.

## Saudades da Pátria Mitigadas pela Mensagem da "Tribuna Livre"

A recepção, já muito vulgar, de cartas de conterrâneos nossos que se encontram nas mais distantes paragens do Glogo, em que nos mostram o aprêço crescente em que é tido o nosso Jornal, dão-nos a certeza de que estamos a desenvolver uma actividade benéfica em favor desses portugueses que, vendo-se forçados a abandonar a Pátria, já-mais deixou de neles vibrar a alma da Nação e, em nosso entender, mais do que quaisquer outros sentem e apreciam os progressos do seu Torrão Natal. Se não tivesse mais porque se ufanar, seria este, um serviço mais que suficiente para manter de pé a nossa já imprescindível «Tribuna Livre». Transcrevemos a seguir, na íntegra, uma carta do filho desta terra, Senhor Augusto Dias Paredes (sobrinho).

Prezado Senhor:

Desde longa data estava eu para cumprir o imperioso dever, qual seja o de expressar o meu agradecimento pelos recebimentos do vosso jornal. Confesso, agradecido, que veio ele a preencher uma grande lacuna em minha vida, qual era a de receber notícias novas da minha querida vila, e de todos os saudosos amigos que aí ficaram.

Pelo seu formato perfeito, noticiário e esmero na sua composição, agrada a todos quantos estamos longe, da Santa Terra, auxiliando a aliviar a nostalgia que a todos nós corrói.

Espero, pois, que embora tardiamente, aceite agora o penhorado agradecimento deste concidadão, extensivo a todos que labutam na confecção da «Tribuna Livre».

Outro dia, ao folhear o vosso conceituado Jornal, tive oportunidade de tomar conhecimento

necrológico, de um parente, cuja notícia epistolar somente mais tarde recebi. Afora isto, outras notícias tenho recebido o que pela sua actualidade, muito valor tem tido para mim.

Aproveito esta oportunidade para solicitar a V. S. que me informe o mais breve possível, como deverei proceder para ter uma assinatura anual do vosso Jornal, cuja resposta desde já me declaro agradecido.

Outrossim, informo a V. S. que gostaria de receber os ditos exemplares por via aérea, a fim de poder tomar conhecimento das notícias com mais urgência.

Agradeço, também, a rectificação do meu nome e endereço, que desde o início do recebimento vinham diferentes.

Finalizando, rogo-vos que aceite as minhas calorosas manifestações de apreço, agradecendo a atenção que dispensar a esta.

## Graça por intercessão de S.ta Filomena

Maria de Sousa Barros, de 28 anos de idade, solteira, residente no lugar de Bustêlo freguesia de Parada de Gatim, do Concelho de Vila Verde, havia mais de um ano que sofria muito do estômago.

Depois de consultar três médicos, de grande nomeada, e tomar muitos medicamentos sempre sem resultado algum, foi submetida a radioscopia que acusou estar o estômago muito descido pelo que foi ainda obrigada a usar uma cinta.

No parecer dos sobreditos médicos a cura, a dar-se, seria muito demorada, e de facto sempre que tirava a cinta sentia-se muito mal.

Como por acaso fosse assistir em Santa Marinha de Oleiros, ao tríduo do Sagrado Coração de Jesus e bênção da nova imagem de Santa Filomena, em 14 de Novembro de 1955, ouviu o prégador Rev.º Sebastião Campos, Dig.mo Reitor de Mouquim, Fimalicão, falar com tanto fervor de Santa Filomena, como sempre costuma falar sobretudo quando, como outro Santo Cura de Ars procura prégua a devoção da Santa Menina Filomena, ... sentiu o coração inflamar-se de amor para com a sua nova profetora e invocou-a para que a curasse.

Passados poucos dias tirou a cinta e sentiu-se completamente bem, e apesar de já passados nove meses nunca mais sentiu o mais leve incómodo da doença que sofria.

Em acção de graças foi junto da imagem de Santa Filomena depôr uma aliança e rezar fervorosamente.

## SEDUÇÃO

Enquanto que a minha lira  
Tenha as cordas afinadas  
Hei-de n'elas dedilhar  
Minhas canções magoadas.

Mas os sons que vou vibrar  
Para o mundo não serão;  
Que o mundo não compreende  
Dum poeta o coração;

Não contarei vãs glórias  
Nem as vaidades das salas;  
Há no ar puro dos campos  
Majores virtudes e galas.

As minhas trovas singelas  
Irão só p'ra Natureza  
Em tudo quanto ela tem  
De sedução e beleza.

Mas não sei o que mais amo  
Quando me ponho a cismar,  
Se a viração que perpassa,  
Se uma avezinha a trinar;

Se a violeta aromática  
Ou a camélia inodora;  
Se a tristeza dum poente  
Ou o sorriso d'aurora;

Se o murmúrio duma fonte  
D'alguma rocha a brotar;  
Ou se o marulho das ondas  
Quando a praia vão beijar;

Se estês montes cujos picos  
Eu quizera ultrapassar  
Ou estas verdes campinas  
Onde o gado vem pastar...

Nem eu sei o que mais amo  
Quando me ponho a cantar!...  
Se em volta de mim só vejo  
Todas as coisas brilhar!...

UERBA

Folhetim da "Tribuna Livre,, 1

## Homem e Mulher

Canto de Joaquim Monteiro (Jorge)

I

Deitado na terra em declive e atapetada de caruma e folhas secas e ervas calcadas, de mãos juntas a servirem de almofada, o rapaz sentia nas costas o salutar afago da terra e tinha os olhos parados e fixos no céu onde as primeiras estrelas rompiam. Pairava no ar um misto cheiro a tarde cansada e a noite que poluía já, com a sua mansidão e melancolia, a floresta cheia de pequenos ruidos. Dedilhava o vento brando como que um queixume em toda aquela extensa e opaca solidão. Buliam as folhas nas ramadas como que aladas bandeirinhas ou asas de gaivotas, e as copas das árvores, tingidas já de sombra, quebravam-se e contorciam-se aos beijos da viração. Da praia, lá em baixo, vinha o marulhar cansado e medroso das ondas que esparrinhavam nas rochas e sugavam a areia, enquanto do casino, através das janelas abertas, saíam tufo de luz e música que, distribuída pelo vento, parecia romper de todos os cantos da natureza, àquela hora abandonada e silenciosa.

O moço continuava deitado e não se mexia. Mas já não olhava o céu. Mas tinha os olhos abertos. Olhava, talvez, para dentro de si, e dentro de si o que é que ele podia encontrar? «Não tenho passado, nem terei jamais futuro. Apenas quero o presente, o dia que ora passa, o instante que ora passa, o momento que ora passa, o eu que ora sou, o ser que ora existe e é. Dói-me mexer no passado, magoa-me pensar no futuro. Nada do que foi existe já. Apenas há e existe o presente, a hora que ora passa, a vida que ora é». Tudo vazio dentro de ti, meu caro. Tudo vazio, sim, terrivelmente vazio, vazio vazio...

Desiludido, meu velho? Ora! Até pareces um velho! Uma coisa gasta! (O moço olhou para um dos lados). Se ela te ouvisse o que é que diria? Repara: és tão jovem ainda! Quantos anos? Vinte? Vinte e cinco? Vinte e cinco! E não esperas nada do futuro? Oh! Tolice! Tolices, meu amigo! «Estou cansado», di-

zia-se. «Cansado, apenas cansado», repetiu. Descansa, então, um pouco. Descansemos todos: eu, tu, ela, a natureza, a humanidade.

Ela está aí ao teu lado e vê como ela respeita o teu silêncio, a tua abstracção. Ela é tudo para ti como tu és tudo para ela. Ela é o teu grande amor. Tu és o seu grande amor. Não acreditas? Duvida das mulheres, mas não duvides dela! E ele virou os olhos e olhou a rapariga, sentada a seu lado, a seu lado quieta. Ela sorriu-lhe. Desencontrados na vida durante muito tempo, estavam agora unidos, na mesma vida, para muito tempo...

Cheguei... Chegaste... *Nel mezzo del camin...* Dante! Poesia! Recordas-te dos versos? Ora anda, di-los, di-los para ela! E disse pausadamente:

*Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada  
E triste, e triste e fatigado eu vinha.  
Tinhas a alma de sonhos povoada,  
E a alma de sonhos povoada eu tinha...*

—São lindos—disse a rapariga.—São teus? Quando os escreveste?

—São bons demais para serem meus. São de um poeta brasileiro: Olavo Bilac.

—São lindos!—repetiu ela. (Tinham as mãos enlaçadas e ela sentiu, na dele o seu coração).

E o rapaz, olhando de novo o céu, continuou a recitar:

*E paramos de súbito na estrada  
Da vida; longos anos, presa à minha  
A tua mão, a vista deslumbrada  
Tive da luz que teu olhar continha.*

—... longos anos... presa à minha a tua mão—tentou repetir a rapariga.—Tive da luz que teu olhar continha.—E ficou quieta, olhando o companheiro que tinha os olhos caídos no céu.

*E eu, solitário, volto a face, e tremo.  
Vendo o teu vulto que desaparece  
Na extrema curva do caminho extremo.*

—Na extrema curva do caminho extremo... Problemático—disse, depois de um momento, a rapariga.

Ele sorriu e ficaram-se em silêncio.

(Continua)

## ARES DE PARADELA DO RIO — O DIABO TECE-AS...

Era filósofo o maroto do Bernardo.

Comerciante, tido e havido como pessoa de bem, bom falador, proprietário de um Café em Lafaúndos—o nosso personagem crescia perante todos na sua forma de ser e... de viver...!

Agora, outro personagem. É o Necas Pardal. Barbeiro de classe ambulante, bêbado por herança, tem a profissão de *desempregado!*...

Mas o diabo tece-as... Num noite entrou o pardalão no Café do Bernardo, já com o graeiro na asa...vesgudo.

É entre o Pardal e Bernardo houve animada e avinhada discussão. Os fumos atearam-se e o Pardal acabou por ser posto fora do Café. E o Bernardo fez aquilo com bons modos, usando mesmo o ponta-pé!...

E o caso, naturalíssimo, passava assim. Mas...

\* \* \*

...O Diabo tece-as!

O Bernardo, freguês habitual da Barberia Nally, não sabia que o mestre barbeiro adoecera. Ignorava também que fora substituído pelo Necas Pardal. E... lá foi o Bernardo.

Já a naífa deslizava no pescoço e... principia o diálogo.

—Ó Bernardo! Lembras-te do que se passou no teu Café há dias?!—e a navalhinha sempre abaixo e acima, no pescocinho do freguês...

—Olha que não. Não me lembra nada...

—Oh, diabo! Então não me puzeste fora do teu Café?...

—Nada... nadinha me lembra...

—Mas, Bernardo, olha que até aos ponta-pés!!!—e a naífa a rapar o pescoço...

—O' Necas pardal! Como é possível semelhante coisa?!

E para mais, lembra-te de que nós *até somos primos e muito amigos!!!*

\* \* \*

Até aqui, nada de novo—que estes casos são vulgares. O que é necessário é tirar a imoralidade, a falta de carácter, a cobardia deste caso, que pode ter sido passado em qualquer parte do globo terrestre.

Até amigos, até parentes... E batem-se mutuamente.

E abatem-se, e tisnam a honra de cada um!

Mas, chegados ao momento de «contas»—ai, crêdinhol—até são primos, compadres e amigos!...

Com uma sociedade assim não há possibilidades de aguentar o mundo, já de si bem torto e agastado.

Aproveite quem leu. E leia quem deseja aproveitar. Pardais e Bernardos há-os por toda a parte...

—É verdade ou mentira, amigos leitores?!

Paradela do Rio. Setembro de 1956.

Bernardino Ribeiro

## Album de coisas várias

Esta secção, necessário se torna tornar bem patente, não se fundamenta em mero capricho de quem se julga no direito de a manter sem objectivos definidos, assim como uma coisa que será, na sua forma e no seu valor, o que o autor nela quiser imprimir. Nestas colunas do autor, nada lhe pertence. Ele deixa de existir na medida em que o leitor sinta e compreenda que, aqui, mais não somos que simples orientador e coordenador de assuntos e problemas que nos serão postos por todos aqueles que nos lêem. Esta secção pertence, exclusivamente, a todos os leitores de «Tribuna Livre». O principal papel, neste nosso trabalho, é dos leitores. Analisaremos no «Album de coisas várias», toda a espécie de problemas que aqueles mesmos leitores nos apresentem.

Mas uma coisa desejamos fique bem esclarecida: sempre que tivermos de falar por nós, fazemo-lo ainda com o propósito e com o sentimento de que escrevemos consoante o pensamento de muitos dos nossos estimados leitores. Portanto, nenhuma influência estranha a estes princípios nos move na orientação desta secção, que se prontifica a zelar por todos aqueles interesses que dizem respeito à verdade e à justiça. Não tememos ameaças nem nos afastaremos do nosso objectivo que é o da crítica e da doutrinação. Lutaremos pelo que de humano se torna necessário defender.

E apenas uma advertência: a política, aqui, não tem paternidade.

Leitor: esta secção é sua. Escreva-nos. Na medida do possível, atende-lo-emos, dando às suas missivas a publicação necessária.

\* \* \*

A semana passada estive novamente em Viana do Castelo. Apenas por quarenta e oito horas. Sai de Braga com chuva e Viana recebeu-me com chuva. Chuva e frio. Mas mesmo assim, Viana do Castelo tem algo de encantador. Algo que não nos impede, verdadeiramente, de nos referirmos a ela como aqui já fizemos, sem intuitos de melindrar fosse quem fosse. Quando se ama alguém com devotada dedicação quase que temos ou que se nos impõe o dever de chamarmos a atenção para determinados porquês que não se ajustam convenientemente à linha grandiloquente da sua perspectiva, naturalmente rica e bela. Pois bem. Como ia dizendo, fui passar o fim de semana à *Princesa do Lima*. E deu-se o caso de, sem contar, ser convidado por um amigo a visitar as instalações da benemérita obra da Associação dos Bombeiros Voluntários, à qual preside o Coronel Lucínio Preza, que não conheço mas que admiro desde longa data.

Nesse dia, alindavam-se as instalações, pois que na noite que se apróximava teria lugar

uma reunião mundana, a qual seria abrilhantada pela orquestra de Mário Simões, creio que em *tournee* pelo Norte do País.

Corri todas as dependências e pude admirar, na moderna e airosa obra, grande sentimento de devoção e a notável mensagem do povo vianense em prol da Associação dos Bombeiros Voluntários. Uma mensagem que é, especialmente, uma alta e digna lição de amor patente bem vinculado, no esmero e na beleza dumas instalações que honram todos aqueles que as tornaram realidade, crentes e firmes nos mais belos princípios da cooperação humana.

J. M.

Salvé, 29/9/1956

Passa hoje o seu 22.º aniversário natalício, o Sr. Miguel Fernandes, digno Gerente da Loja Nova de Amares. J. Vieira, representando os amigos seus, deseja que este aniversário se prolongue por muitos anos.

Salvé o dia 2-10-1956

No próximo dia 2-10-56 completa as suas dezanove risonhas primaveras a gentil menina Maria Manuela Ribeiro Soares, filha do Sr. José António Soares, conceituado proprietário da Pensão da Torre, nas Termas de Caldelas, desejando que este dia se repita por longos e felizes anos, são os votos sinceros duma pessoa muito amiga.

## MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

A organização paroquial, a que presidia o abade (abbas), pode considerar-se, desde os tempos muito anteriores à fundação da Monarquia, como modelar instituição de fundo etnográfico, em que de muito cedo vieram a debater-se os mais transcendentes interesses das vilas e dos pequenos povoados que foram criando raízes profundas, adestrados no rude labor da gleba e nos exercícios da guerra, com vista aos mais altos desígnios que se lhes foram sobrepondo no sentido de conquistar uma independência, uma autonomia territorial.

Com pequenas diferenças em relação ao tempo presente, vem encontrar-se aqui, a mais de oito séculos de distância, todas as denominações de vilas, aldeias e lugares, com seus habitantes verdadeiramente integrados no movimento nacional que constituía o ambiente político da época—um manifesto e decidido amor das terras que possuíam, sempre prontos a concorrer ao *apelido em tempo de guerra*, entregando-se na paz ao trabalho rural, única fonte da sua riqueza e prosperidade.

Ao mesmo tempo que os senhores de Lanhoso exerciam o seu poderio sobre as terras de Cabreira e Ribeira, a melhor parte das terras de Entre Homem e Cávado, sobretudo as ribeirinhas ou marginais, estavam anexas aos vastíssimos domínios da Condessa D. Flámula, senhora de Larim, como se colige do seu testamento feito em 960: «..... villa de lalin cum adiuntionibus suis... levat se de illo portu de catavo (porto de Cávado) et perge ad illa ponte petrina (ponte de pedra-do Porto)..... et inde ad illa *bornaria* et inde per ille vallo et figet se in rivulo *homine* ad illo *portucarrario* (Portocarreiro-junto a Larim) et inde infesto per rivulo homine..... villas *savaraz*..... et perge per ille fontano de mandones infesto inter villa verde et Sancta eolália et figet se in termino de *barbudo*... *turisi*..... et fere in illo vallo inter olharios et fontanello et inde unde primitur incoavimus».

Neste testamento, D. Flámula, encontrando-se gravemente enferma e fazendo-se conduzir por homens bons de Larim ao mosteiro de Guimarães, nomeia os seus avultadíssimos haveres e concede a sua tia D. Mumadona a faculdade de vender e distribuir pelas igrejas, mosteiros e lugares pios, tudo quanto possuía, em benefício da sua alma.

Pouco depois, em 992, um tal frei Daniel fez também doação a D. Mumadona da metade da sua herança nas vilas de Soutelo e de Barreiros, que houvera de seus tios:

«..... scriptura firmitatis de hereditate mea propria que abeo in villas sautelo et barrarios... trans linares pratis padulibus saltis vincis pumares figares cesares piscarias sesigas molinarum aquis aquarum cum eductibus suis vel quantum ad prestitum hominis inveneritis in ipsa villa extra meo domo ubi modo abito cum suo ortale. Omnia quod Superius resonat medietate vobis firmiter concedo...»

E no ano de 1059, pelo... «inventario de omnes hereditates sive et ecclesias de vimaranes»—encontra-se ainda adscrita ao mesmo mosteiro «de villa de Amares per suos terminos III integra sive de villa quomodocumque de creotione».

Isto já a pequena distância da fundação do Condado Portucalense, assim se compreende que estas terras ingressaram naturalmente no conjunto do respectivo território, dado por D. Afonso VI a sua filha, a rainha D. Teresa, por dote de casamento com o conde D. Henrique.

Continua no próximo número

## EDITORIAL

(Continuação da 2.ª página)

Quanto a nós, Dmytryk apenas não encontrou, para os devidos efeitos dum argumento já tratado em *Em Sangue do Meu Sangue*, de Manklewicz, aquela linguagem que só nos parece atingir dignidade na presença activa do cinema plano, onde as atitudes dramáticas se favorecem por enquadramento de intimidade.

O argumento, de autoria de Philip Yordan, é, de facto, majestoso e, em certa medida, foi tratado por Dmytryk com singela autoridade directiva. Não esqueçamos que este filme ganhou o «Oscar», em 1955, pela melhor história.

Tem, por outro lado, a qualidade de nos reproduzir todo o ambiente dramático do Oeste, alinhavando-se sequências de alta interpretação óptica, a que a música de Leigh Harline dá perfeito relevo.

Dmytryk, para justificarmos o que acima mencionamos, não realiza, por motivos talvez de ordem técnica, obras de perfeita confecção. Daqui, talvez, o facto de o argumento não ter sido bem aproveitado. Todavia, este seu filme abre-nos novos horizontes, e estamos em crer que através deles, possamos ver em Dmytryk um dos cineastas capazes de dominar, em absoluto, o efeito cinematográfico na sua transposição para o ecran panorâmico.

Joaquim Monteiro (Jorge)

### Relojoaria Maurício Queiroz

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género.

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Caetano Brandão

Telefone 2526

BRAGA